



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

RECEPÇÃO E RELEITURAS DE NARRATIVAS DA LOUCURA

Thamara Parteka*

O trabalho aqui proposto está em processo de desenvolvimento¹, fruto pesquisa um pouco mais ampla, - a qual privilegia a relação que o autor tem consigo próprio no processo de produção de sua obra -, discutiremos aqui algumas releituras e recepção do livro *Todos os Cachorros são Azuis* de Rodrigo de Souza Leão (1965-2009).

Rodrigo nasceu no Rio de Janeiro em 1965, aos 23 anos foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide, desde então começou a escrever assiduamente até os dias de seu falecimento em 2009. Ao longo de sua vida, o autor se dedicou a publicar seus escritos. Em um primeiro momento, publicou poesias em e-books, totalizando aproximadamente dez e-books durante a década de 1990, publicou-as também em blogs e revistas de literatura. Nesta mesma década escreveu o livro *Carbono Pautado*² e entrou em contato com editoras, com o fim de publicar seus livros. Dentre elas estava a Editora Objetiva, a

* Mestranda em História, Poder e Práticas Sociais, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – PR / Brasil. Bolsista de Extensão no País – EXP/C – CNPq, pelo Projeto “Gênero, Instituições e Saber Psiquiátrico em Narrativas da Loucura”, coordenado pela professora Yonissa M. Wadi. A participação neste evento e a publicação deste trabalho só foi possível com o desenvolvimento na pesquisa realizada através do referido projeto. Este Email: t.parteka@hotmail.com.

¹ Nossa pesquisa passou por um recorte e o que se refere a recepção e reinterpretação não serão mais alvo de nossa análise para a dissertação, mas um esboço para um projeto futuro. Para este artigo tivemos que redimensionar a análise, pois na proposta do resumo recortamos a obra *Todos os Cachorros são Azuis*, no entanto, não nos foi liberado até o momento o acesso a peça teatral baseada no livro, assim analisaremos algumas resenhas, poesias as quais dialogam com o livro, mas também outros materiais literários do autor, publicados em seu blog (Lowcura).

² Em 2012 o livro é lançado pela livraria Record e em 2013 ficou entre os dez no prêmio Jabuti.

qual enviou o texto, no entanto não foi bem sucedido; a editora recusou o texto com a justificativa de que talvez teria “perdido a mão no meio pro fim”³.

Em 2001 começou a escrever *Todos os Cachorros são Azuis*, cujo livro, também, encontrou dificuldades para conseguir publicar. Em seu depoimento diz que enviou para editora Casa do Psicólogo, no entanto, “não deu dois dias, [e o livro] estava de volta”⁴. Em 2007, Rodrigo envia o livro para o Programa Petrobras Cultural, o qual é selecionado na edição 2006/2007. Em 2009 o livro fica classificado entre os cinquenta no prêmio Portugal Telecom.

Depois do falecimento de Rodrigo, sua obra ganhou uma grande repercussão: quatro dos seus livros foram publicados pela Editora Record, em 2011 foi realizada uma adaptação do livro *Todos Cachorros são Azuis* para o teatro, e o mesmo livro foi inspiração para o espetáculo de balé, *Mosaicos Azuis*; em 2012 foi realizado um projeto que reuniu telas, poesias com financiamento popular, os quais foram expostos no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; em 2014 foi lançado um documentário produzido por Letícia Simões, e esta previsto um longa metragem produzido e protagonizado por Cauã Reymond.

O que propomos apresentar neste artigo são diversos olhares e enunciados sobre Rodrigo de Souza Leão, como sua obra foi recepcionada e reinterpretada, principalmente no meio artístico.

NARRATIVAS DA LOUCURA

Embora, grande parte das vezes o sujeito considerado louco produzisse algum registro sobre seus pensamentos, perspectivas e sonhos no hospital psiquiátrico ou mesmo em fragmentos de papéis em sua casa ou onde passava, suas narrativas ficaram, durante muito tempo, jogadas ao vento, por vezes escondidas em prontuários médicos, mas em todos os casos consideradas sem valor, pois seriam frutos de uma mente “doente”.

Se nos voltarmos à historiografia do século XIX, perceberemos que a história deste período, prioritariamente feita pelos psiquiatras, era em grande parte filantrópica.

³ LEÃO, Rodrigo de Souza. Três poetas e um poeta. Entrevista realizada por Cássio Amaral, Rafael Nolli e Ricardo Wagner, conversam com Rodrigo de Souza Leão, janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>. Acesso 31/10/2014.

⁴ Ibidem.

Ela narrava os supostos sucessos médicos, as novas descobertas; suas fontes eram basicamente as oficiais; relatórios médicos, prontuários, documentos institucionais, etc. Nessa perspectiva a fala do louco era considerada destituída de verdade, nela não se encontraria nada além dos sintomas da doença representados nos escritos. O próprio Rodrigo afirma: “Esquizofrênicos com distúrbios delirantes não tem palavra. Guardam um ódio à doença muito grande. Ninguém dá valor ao que falam. Eu não podia dizer pra [sic] ninguém que Rimbaud achava que eu tinha matado o Temível louco”⁵.

A partir de Freud (1856-1939-) e da psicanálise foi lançado um novo olhar sob a narrativa dos loucos. Dentre os psicólogos e psiquiatras havia os que consideravam que suas narrativas tinham algo a dizer. No entanto, nesta visão, somente o especialista seria capaz de escutar e discernir a fala do louco, ou seja, é através da escuta médica – ou da arte - que suas narrativas vão possuir uma verdade. Assim, passou a ser bastante incentivada a escrita destes sujeitos com o fim de confirmar algum diagnóstico, de ver alguns sintomas e conferir a aplicabilidade do tratamento. Suas falas estavam sempre condicionadas à objetivação médica e a exploração do inconsciente do louco. Na historiografia, do período, há uma produção mais revisionista apoiada nas contribuições da História da Loucura de Foucault, buscando criticar com mais assiduidade o papel das instituições.

A partir de Roy Porter, as narrativas da loucura ganham uma nova dimensão: de experiência e de testemunho. Roy Porter era um historiador social dedicado a história da Inglaterra que aceitou a proposta do Instituto *Wellcome* para o cargo de palestrante e professor de história da medicina. Diante desse novo trabalho teve que mudar de campo e redirecionar sua pesquisa, uma vez que não tinha experiência nesta área. Em 1987 escreveu a História Social da Loucura um livro estupendo, o qual traz a própria narrativa dos loucos para compreender o universo da loucura. Assim este trabalho trazia uma nova abordagem, a história vista de baixo, Porter defendia que a história da medicina deveria expandir-se para além da história dos médicos, devendo ser explorado o ponto de vista, também, do paciente.

Na contemporaneidade são relativamente poucos os trabalhos que se dedicam a história da psiquiatria e da loucura a partir do ponto de vista do paciente, mas isso não significa que tenha pouca diversidade: há trabalhos a partir de cartas, diários,

⁵ LEÃO, Rodrigo de Souza. Todos os cachorros são azuis. Rio de Janeiro: Record, 2010, p.48.

autobiografias, “falatórios” e inclusive baseados em blogs. A partir da reforma psiquiátrica⁶ começou, principalmente na academia, uma valorização das narrativas da loucura para a pesquisa em diferentes áreas: medicina, psicologia, artes, história com o fim de reivindicar um lugar para o sujeito diagnosticado para além da Instituição Psiquiátrica.

Muitos artistas tem se baseado nos escritos dos loucos para fazer sua obra em outra linguagem. No caso do Rodrigo há o documentário Tudo vai ficar da cor que você quiser (2014) dirigido pela cineasta Letícia Simões, o qual busca a partir da própria linguagem literária de Rodrigo de Souza Leão construir a linguagem para o longa-metragem. Mais que contar a história de um dos livros do Rodrigo o filme buscou fazer uma homenagem ao Rodrigo contando um pouco da história do autor e um pouco do projeto Tudo vai ficar da cor que você quiser (2011-2012), o qual foi coordenado por Ramon Mello com o objetivo de expor telas e poemas de Rodrigo no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A peça teatral Todos os Cachorros são Azuis (2011) dirigidas por Ramón Mello, se baseou na linguagem e no conteúdo do livro que leva o referido nome da peça. Também baseado nas obras de Rodrigo está o filme Azuis sem previsão para ser lançado.

Em menos de cinco anos da primeira edição do romance mais conhecido de Rodrigo foi lançada a versão em língua espanhola *Todos los perros son azules*, no México e na Inglaterra a versão em inglês *All dogs are blue*.

A RECEPÇÃO E RELEITURAS DE NARRATIVAS DA LOUCURA

Como já dito, Rodrigo se dedicou muito a poesia e foi através dela que conheceu muitos escritores, como, Cássio Amaral, Rosa Pena, Jose Aloise Bahia, Suzana Vargas, Beatriz Bajo, Ana Peluso, Bárbara Lia, Cláudio Daniel, Andréa Augusto, Claudio Alex, Cláudio Willer, Silvana Guimarães, Glauco Mattoso e Floriano Martins, entre outros, formando uma espécie de círculo literário. Através da internet trocavam poesias, discutiam temas relacionados a arte, cediam e realizavam entrevistas, utilizavam blogs

⁶ O processo da Reforma Psiquiátrica começou, no Brasil, a partir da década de 1970 com a crise do modelo de assistência centrado no hospital psiquiátrico e no esforço dos movimentos sociais pelos direitos dos pacientes psiquiátricos. O modelo de assistência psiquiátrica implantado no Brasil a partir da reforma, fundamentou-se prioritariamente ao modelo de assistência italiano, o qual buscou fechar os hospitais psiquiátricos, criticando o modelo hospitalocêntrico.

para divulgar poesias; era a internet o lugar de encontro social de Rodrigo. E é em blogs e sites que encontramos com mais facilidade o *feedback* das pessoas em relação ao que Rodrigo produziu e como os leitores se inspiraram em sua obra para novas criações.

Como não tivemos acesso à peça Todos os Cachorros são Azuis iremos fazer uma breve análise do discurso presente no folder da peça. Como já dito, a peça leva o mesmo nome do livro, foi dirigida por Michel Bercovitch e produzida por Ramon Mello. Na segunda página do folder está a fala de Ramón Mello, o qual dirige a sua fala a Rodrigo e não aos supostos telespectadores da peça. Informa que a peça foi contemplada no edital de artes cênicas do Oi Futuro e a estreia foi 09/07/2011 no Teatro Maria Clara Machado.

E vai trazendo as informações em forma de conversa, como se Rodrigo fosse perguntando e ele respondendo, usa termos presentes nas narrativas de Rodrigo, como *Acugelê Banzai* para se colocar como alguém que está mergulhado naquele universo. Para a produção da peça utilizou não apenas o romance, mas poemas, cartas, fotografias, gravações e vídeos do acervo do autor que está na Fundação Casa Ruy Barbosa (FCRB). Traz Rimbaud e Baudelaire como participantes das conversas e entrosados no grupo da peça. Ramon ao ver os modos de subjetivação⁷ que vivenciou Rodrigo – através de suas narrativas, de sua experiência de vida -, Ramon cria o seu próprio modo de subjetivação, se reconstruindo como sujeito, assim afirma: “Ler, reler, encenar seu texto me faz ter outra percepção da realidade. Uma experiência difícil, mas enriquecedora⁸”.

Ramon compreende que a loucura é científica, social, político e cultural. Afirma que Rodrigo é a prova “de que, para além dos remédios, a arte é a salvação”⁹. Ramon assim como Rodrigo acredita na medicina, no entanto, vê que somente através não é possível a “cura” ou mesmo a sobrevivência, isto porque é um saber normalizador. A arte não, ela permite que extravase o que nossa sociedade considera mais estapafúrdio, ou seja tem uma abertura maior e não classifica como dentro ou fora da norma.

⁷ Os modos de subjetivação são para Foucault a forma que os sujeitos se constituem enquanto sujeitos, através de relações de poder, mas também através de uma estética da existência. (Foucault, in: Rabinow & Dreyfus, 1995, p. 231).

⁸ MELLO, Ramon. Quinta-feira, 15 horas. In: Todos os Cachorros são Azuis. Rio de Janeiro: Oi, 2011. Folder.

⁹ Idem.

Michel Bercovitch vai ao encontro de muitos enunciados¹⁰ sobre Rodrigo ao afirmar que “a primeira palavra que me vem à cabeça quando tenho que falar de Rodrigo de Souza Leão é a lucidez”¹¹. Se fizermos um levantamento veremos que “lucidez” é um termo corriqueiro nos discursos sobre Rodrigo, isto principalmente depois de sua morte, e esta lucidez geralmente é associada a sua consciência em relação a esquizofrenia e sua produção artística. É uma tentativa de colocar o discurso daquele que historicamente é tido como ausente de verdade, para uma possível verdade, numa tentativa de reconhecer o enunciatador do discurso como autor.

Muitas vezes este discurso sobre a lucidez vem associado a um espanto. “Rodrigo falou de si mesmo, era seu próprio delírio, mas mesmo assim jamais deixa de exibir espantosa lucidez quando aborda temas como internações, medicamentos, amor, família, sexo e solidão, dentre outros¹²”. Esse espanto frente a lucidez demonstra que o leitor do texto tinha uma leitura previa sobre a loucura, leitura esta, que afasta o discurso do louco de uma verdade. Como se todos os considerados loucos possuíssem as mesmas características e fossem em todo tempo loucos, como se o louco em sua linguagem não pudesse exprimir nada mais que sua loucura. Sobre isso afirma Roy Porter:

Os escritos dos loucos podem ser lidos não só como sintomas de doenças ou síndromes, mas também como comunicação coerente em si mesma. Os psiquiatras, de um modo geral, têm negado inteligibilidade à loucura: para Kraepelin, era um dos traços típicos da *dementia praecox*. Muitas vezes retratam a doença mental como irracional, sem sentido – o que o louco dizia não passava de balbúcio sem sentido. Talvez isso seja verdadeiro em muitos casos. Mas as autobiografias dos doentes mentais dificilmente incluem-se nesta categoria. A loucura pode ser tipicamente incompreensível ou apenas mal-apreendida; mas uma olhada nos escritos de doentes mentais dos séculos passados confirma que mesmo se diagnosticamos seu estado como loucura, ainda assim, há métodos neles¹³.

¹⁰ Esse discurso pode ser encontrado em jornais como A Folha de São Paulo no caderno Ilustríssima na matéria publicada em 06/11/2011. Assim como no próprio site do autor (www.rodrigodesouzaleao.com.br), como na publicação de Lionel Fischer.

¹¹ BERCOVITCH, Michel. Quinta-feira, 15 horas. In: Todos os Cachorros são Azuis. Rio de Janeiro: Oi, 2011. Folder.

¹² FISCHER, Leonel. A lucidez na loucura. 2011. Disponível em: http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre_ele/sobre_ele28.htm. Acesso: 27/11/14 às 15h50.

¹³ PORTER, Roy. Uma história social da loucura. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 1991.

Desta forma, o discurso que reivindica uma lucidez sobre a loucura está dialogando com o discurso que via a doença mental, como sem sentido, seja para negá-lo ou confirmá-lo. Assim, Fischer mesmo considerando a fala do Rodrigo como um delírio, encara-o como uma lucidez por ele trazer elementos que constituíam seu cotidiano. O espanto, sob a suposta lucidez não é aleatório, mas fruto de um estigma¹⁴ social, o qual parte não apenas da visão que a psiquiatria teve durante muito anos sobre os loucos, mas também a própria mídia por meio de filmes, novelas e séries¹⁵ associou o assassino e aquele que comete violências como doente mental e vice versa¹⁶.

Bercovitch vai criticar a nomenclatura de louco, vai dizer que “Rodrigo não era louco. Era um doente mental. E isso é muito diferente”¹⁷, o que possivelmente o diretor queria se referir era a própria infâmia da loucura, o estigma, valores historicamente construídos em torno da loucura. “Chamá-lo de louco é dar a ele um nome perigoso. É dar a ele e a tantos outros um destino prematuro”¹⁸.

Depois da morte do Rodrigo muitos amigos e admiradores o homenagearam, uma das formas que encontraram para realizar essa homenagem foi a arte. A seguir apresentamos a poesia de uma amiga de Rodrigo a poetiza Rosa Pena:

L’azur! l’Azur! l’Azur! l’Azur!

Dia dois de julho choveu céu, talvez para provar que ele nunca esteve morto. “L’azur! l’Azur! l’Azur! l’Azur!”. Era intocável agora não mais. O inferno de Rimbaud é aqui, sempre foi. Caiu até um pedaço vermelho do arco-íris nos meus olhos, daí ele não pararam mais de ficar dessa cor. Essa chuva celestial não tingiu o mundo, o coitado continua cinza e feio,

¹⁴ Para Erving Goffman, estigma é uma relação entre atributo e estereótipo, e sua origem está vinculada a construção social dos significados. As pessoas e as instituições sob relações de poder/saber instituem normas de como viver e adotam como se fossem naturais. Assim, aquele que rompe com o instituído passa a ser percebido como anormal (fora da norma) e lhe são conferidos atributos que o instituem como diferente.

¹⁵ Dentre tantos podemos citar O iluminado, Caminho das índias, Dupla identidade.

¹⁶ Rodrigo escreveu uma carta intitulada “Mais afeto com os loucos”, a qual foi publicada no Jornal do Brasil (28/06/2009), fazendo uma crítica severa a Glória Perez, diretora da novela Caminho das Índias, por estar representando um esquizofrênico como assassino, assim diz ele: “... Mas errou muito quando colocou o esquizofrênico dando dois tiros no outro personagem que ele achava que estava perseguindo ... Será que o povo que assiste televisão (...) vai entender que se tratava de um ser humano descontrolado, e sem remédios? Será que remédios, apenas teriam evitado a agressão? Se as pessoas já tinham preconceito contra os doentes mentais, vão ter mais preconceito agora” (LEÃO, R. Mais afeto com os loucos. Jornal Brasil, 2008).

¹⁷ BERCOVITCH, Michel. Quinta-feira, 15 horas. In: Todos os Cachorros são Azuis. Rio de Janeiro: Oi, 2011. Folder.

¹⁸ Ibidem.

mas pintou os cachorros. Todos azuis! Ah, a batata de agora em diante será sempre frita (é o que se salva da vida). Sei que você e Baudelaire estão curtindo a liberdade definitiva, as pílulas não engolidas, o Jabuti que é você é bem capaz de levar, seu livro que começa a vender adoidado, pois lhe imaginam rei posto. Você é você, o poeta que engoliu o chip da poesia e dizia dentro da mais profunda esquizofrenia que a vida valia ser vivida pela quantidade de encantos, fato que nos aproximou tanto. Hoje, nós, os normais giramos numa desgovernada órbita em volta de um astro raro que abriga a delicadeza de ser, portanto o lugar talhado para você. Certamente você já encontrou seu cachorro de pelúcia! Um beijo nele. Dois em você¹⁹.

Rosa Pena joga com a forma e com o conteúdo do livro Todos os cachorros são azuis, isso é evidente no próprio título de sua poesia L'azur! l'Azur! l'Azur! l'Azur!, o qual ao mesmo tempo em que faz referência, utiliza da onomatopeia²⁰ para representar o choro. Faz referências a Rimbaud, personagem do livro que corresponderia a alucinação do protagonista.

Quando Pena diz que a chuva não tingiu o mundo está fazendo também referência a Rodrigo. E isso pode ser visto no seguinte trecho de Todos os Cachorros:

Tudo ficou dourado. O céu dourado. O Cristo dourado.

A ambulância dourada. As enfermeiras douradas tocando-me com suas mãos douradas.]

Tudo ficou azul: o bem-te-vi azul, a rosa azul, a caneta bic azul, os trogloditas dos enfermeiros.

Tudo ficou amarelo. Foi quando vi Rimbaud tentando se enforcar com a gravata de Maiakovski e não deixei²¹.

É como se as narrativas estivessem conectadas através das ideias e das referências que a autora faz com o texto do Rodrigo, em sua poesia diz que daqui para frente a batata sempre será frita porque é o que salva a vida e Rodrigo em sua narrativa afirma: “Quem vive, come batata frita. O bom é que sempre tem batata frita pra aliviar o fardo”²². Faz referências a Baudelaire, outra alucinação do personagem principal. Rosa Pena entra no jogo do Rodrigo e confunde propositalmente o Rodrigo autor e o Rodrigo personagem, são os Rodrigos que em determinados momentos resistiram a

¹⁹ PENA, Rosa. “L'azur! l'Azur! l'Azur! l'Azur!”. 07/07/2009. Disponível em: <http://www.rosapena.com/visualizar.php?id=1687364>. Acesso 03/11/14.

²⁰ É uma figura de linguagem na qual se reproduz um som com um fonema ou palavra.

²¹ LEÃO, Rodrigo. Todos os Cachorros são Azuis. Rio de Janeiro: Record, 2010.

²² Idem

medicalização: “Mas o Haldol me segura. Segura meus gritos, sussurros. Eu, que já escondi muito remédio debaixo da língua, hoje tomo todos sem problemas”²³.

Descreve a repercussão da obra do autor que vendeu muito e que se classificou entre os 50 no prêmio Portugal Telecom. E coloca o “louco” não a margem, mas ao centro, em volta do qual os “normais” orbitam.

A escrita de Rosa Pena foi feita no sentido de se despedir do poeta, fazer uma homenagem, talvez esse seja um dos principais motivos para ter realizado este jogo de referências.

Fizemos pesquisas em Jornais como O Globo, Uol, Folha de São Paulo, assim como de leitores que resenharam o livro ou que deram sua opinião, manifestos no *website* do autor ou em blogs. Dentre eles destacamos alguns como: Joca Reiners Terron que compreendeu o livro como uma “porra-louquice literária”, “mistura de diário hospitalar com delírio quimioterápico”. Victor da Rosa afirmou: que “durante todo o livro [há] uma variação narrativa entre o delírio mesmo e instantes de lucidez” em ambos os enunciados²⁴ é perceptível reproduzem o discurso que a narrativa é fruto do delírio do autor, mesmo tendo instantes de lucidez. Desta forma, não separam a criação literária da loucura, entendo a escrita do Rodrigo apenas como uma linguagem da loucura que teria momentos de lucidez, ou seja, são convencidos da loucura do escritor, nem se quer pensando que poderia ser uma ficção baseadas em estruturas desestruturantes para convencer o leitor, por meio da linguagem, a loucura do escritor.

Gilda foi uma leitora que se encantou pelo livro e escreveu um e-mail²⁵ a Rodrigo, falando de sua experiência da leitura. Em seu texto dialoga com a linguagem criada pelo próprio Rodrigo, ao afirmar: “Engoli um livro!”, fazendo referência ao próprio livro “Engoli um chip ontem...” e agradece ao autor por ter propiciado um “doce delírio”.

Amador Ribeiro Neto em sua resenha para o Jornal A União afirma: “O livro não tem pé nem cabeça. E faz questão de não ter... Van Gogh cortou a orelha. O personagem principal desta geringonça de palavras não cortou nada além da lógica, da ilógica, da analógica. Deixa o leitor assim: com cara de quem tomou Haldol. E viajou”... Ribeiro percebe a desconstrução estética do texto e adota a própria estética para fazer seu

²³ Idem

²⁴ Os textos estão disponíveis no site <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/> Acesso em: 27/11/2014.

²⁵ O e-mail está disponível no acervo do autor na FCRB.

comentário “lógica, ilógica, analógica” e mais que isso afirma que a narrativa colocou o “normal” no papel de “louco”. O irônico do seu texto é que justamente o remédio, no enunciado emitido, que seria justamente o responsável pela suposta viagem do leitor, é o que na prática faz do louco normal, ou o que o prende na realidade normativa construída, ou seja, se tomasse Haldol o leitor não iria “viajar”, mas estaria preso a realidade normativa. Assim nos parâmetros da lógica seu comentário não faz sentido, mas dentro do contexto literário trazendo o remédio para colocar-se como louco, o leitor entende o que está tentando dizer.

Daniel Lopes (Blog Amálgama) diz que a obra “tem uma composição, bem... maluca” e Marcos Losnak escreve que Rodrigo aproxima a literatura da esquizofrenia, através de fragmentações e de cisões. E o jornal O globo afirma: “leveza e lirismo para abordar o tema da loucura”.

No Almanaque Ritual, Cláudia Fonseca escreve: “De escritor e louco todo mundo tem um pouco”, criticando os parâmetros que se definem o que seria uma pessoa louca e uma pessoa normal. Esse discurso é reproduzido nos leitores do blog do Rodrigo que procuraram desconstruir as fronteiras definidas entre “louco” e “normal”. Como na publicação feita por Rodrigo em 14 de dezembro de 2007, no qual Rodrigo mostra sua proximidade com determinados medicamentos, Vejamos:

QUÍMICA CEREBRAL²⁶

Bom dia Lexotan

Bom dia Prozac

Bom dia Diazepan

Bom dia coquetel

Bom dia ampictil

Bom dia fenergan

Bom dia sossega-leão

Bom dia eletrochoque

Bom dia Piportil

Bom dia Lorax

Bom dia Litium

Bom dia Haldol

²⁶ LEÃO, Rodrigo S. Química Cerebral. Blog Lowcura, 2007. Disponível em: <http://www.lowcura.blogspot.com.br/> Acesso em: 27/11/14.

História Cultural

Boa noite Rodrigo

Nesta poesia são apresentados remédios para diferentes diagnósticos: bipolaridade, mania, esquizofrenia, ansiedade, psicoses crônicas, alergias, alguns como Diazepam utilizado em pré-operatório com o objetivo de diminuir a tensão, transtorno obsessivo compulsivo etc. Em sua maioria apresentam efeitos colaterais como: dependência, depressão respiratória, tendência ao suicídio, etc.

Vemos a presença da anáfora utilizando a repetição do termo “bom dia” para dar um efeito, justamente, de afetividade de Rodrigo com os remédios, relação que é intensificada na medida em que utiliza a prosopopeia, falando e recebendo resposta dos remédios, dá a eles características animadas, como se fosse um grupo de pessoas que encontrasse todos os dias. Metaforiza também um grupo de autoajuda, no qual a pessoa que fala seus problemas cumprimenta um a um pelo nome, e no final, em uma só voz os que estão escutando respondem: “seja bem-vindo” ou “boa noite Rodrigo”.

Dá também um sentido de passagem de tempo. São tantos remédios que ao “cumprimentá-los” todos, tomando-os passa o dia todo e se torna noite. Rodrigo expressa uma relação íntima com os remédios os quais são tão ou mais presentes que as pessoas em sua vida. É interessante analisarmos os comentários de leitores, os quais aparecem, também, como usuários de remédios, ou seja, os leitores apresentam uma identificação com Rodrigo escritor: um diagnóstico. Assim, procuram estabelecer uma relação de igual com Rodrigo. Yehuda diz: “e boa noite e Yehuda te acompanha com Eflexor e Frontal”, afirmando-o sua relação com o diagnóstico de ansiedade e depressão. Outra leitora diz: “Helen te acompanha com fluoxetina (pk [sic] não tenho grana prá [sic] comprar Prozac), Rivotril” apresentando também a sua relação com o diagnóstico de ansiedade e depressão, e Cris Carriconde diz: “um brinde com rivotril :)”. Ao ler os comentários de forma conjunta nos parece uma cumplicidade e até um manifesto a favor de Rodrigo, como que dizem: Sim, Rodrigo você toma, mas nós também tomamos e está tudo certo, te acompanhamos e brindamos isso.

História Cultural

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos através dos diferentes enunciados que, em alguns momentos, a linguagem do louco como ausência de verdade está sendo questionada. Em algumas falas, como no da Cláudia Fonseca e Yehuda a própria fronteira do que seria considerado “normal” e o considerado “louco”, está sendo questionada, uma vez que tomam os mesmos medicamentos.

Assim, observamos que logo após a publicação do livro, em 2009, os leitores, principalmente blogueiros, buscavam narrar o sentimento que o livro estabelecia diante da leitura: “o caos”, não são poucos os enunciados que consideram o livro “maluco”, “desordenado”, fragmentado”.

No entanto depois da morte do autor, o discurso predominante não direciona especificamente ao livro, mas ao próprio autor, considerando-o demasiado lúcido frente a sua condição de esquizofrênico (discurso presente nos Jornais O Globo, Uol).

Enquanto Rodrigo construía uma estética do desconstrutivista, para justamente sair das fronteiras socialmente construídas entre “normal” e “louco”, o discurso depois de sua morte reivindica justamente uma “razão”, uma “lucidez” para o autor, numa espécie de tentativa de possibilitar a existência de um sujeito para além do diagnóstico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEÃO, Rodrigo de Souza. Três poetas e um poeta. Entrevista realizada por Cássio Amaral, Rafael Nollí e Ricardo Wagner, conversam com Rodrigo de Souza Leão, janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/entrevistas/entrevistas7.htm>. Acesso 31/10/2014.

LEÃO, Rodrigo de Souza. Todos os cachorros são azuis. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. Mais afeto com os loucos. Jornal Brasil, 2008.

BERCOVITCH, Michel. Quinta-feira, 15 horas. In: Todos os Cachorros são Azuis. Rio de Janeiro: Oi, 2011. Folder.

FISCHER, Leonel. A lucidez na loucura. 2011. Disponível em: http://www.rodrigodesouzaleao.com.br/files/hor/sobre_ele/sobre_ele28.htm. Acesso: 27/11/14 às 15h50. LEÃO, Rodrigo S. Química Cerebral. Blog Lowcura, 2007. Disponível em: <http://www.lowcura.blogspot.com.br/> Acesso em: 27/11/14.

DREYFUS, H; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, M. (2003) A vida dos homens infames. In: Foucault, M. Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222.

FOUCAULT, Michel. A História da Loucura. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PORTER, Roy. Uma história social da loucura. Rio de Janeiro: Editora Zahar:, 1991.

PROVIDELLO; YASUI. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. Hist. cienc. saúde-Manguinhos vol.20 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2013.

